

Btca MYM
Folheto AmM
0005

WALDEMAR BATISTA DE SALLES

(Da Associação Amazonense de Imprensa)

**ASPECTOS GEOGRÁFICOS
DO
AMAZONAS**



MANAUS

1966

Arq. Botânica n.º 2341 (Folha 48) 25.08.1966

WALDEMAR BATISTA DE SALLES

(Da Associação Amazonense de Imprensa)

*Aspectos Geográficos
do
Amazonas*



MANAUS

1966

*Arum
0005*

“Os destinos do Brasil se encontram, por conseguinte, estritamente ligados à preservação da integridade de seu território, na área de maior vulnerabilidade que é, evidentemente, o deserto amazônico. Sua perda implicaria renúncia àquele objetivos de grandeza, com representar, simultaneamente, tremenda confissão de incapacidade para reter e honrar a impressionante herança que nos legaram nossos antepassados, através de séculos de trabalho, de bravura e de incomparável sagacidade política.” (**Amazônia em Novas Dimensões**, de Cosme Ferreira Filho, pag. 111).

APRESENTAÇÃO

A mocidade tem ânsia de saber e necessita de orientação séria, instrutiva. Tive problemas em casa, pois filhos e sobrinhos desejavam conhecer aspectos geográficos do Amazonas e pouco encontravam nos livros, que os atendessem, de modo sucinto.

Resolvi, assim, escrever êste trabalho, sem nenhuma vaidade literária, com o objetivo primordial de atendê-los e, ainda, servir de roteiro para obras de maior fôlego.

Acredito mesmo que irá servir a estudantes de curso secundário, dando-lhes uma visão do Amazonas, do estado em que nasceram, vivem e procuram honrar, nos bancos escolares.

O Amazonas é um estado que possui riquezas fabulosas, num meio geográfico quase desconhecido. E' oportuno mostrar aos estudantes o ambiente em que vivem e crescem, a fim de que aprendam a amar a terra, honrá-la e defendê-la.

Esta parte do Brasil precisa ser integrada na realidade nacional. O Amazonas é, portanto, uma bela página de geografia.

Manaus,

Waldemar Batista de Salles

REGIÃO AMAZÔNICA

O Brasil está dividido nas seguintes regiões:

- 1) — REGIÃO NORTE, compreendendo os estados do Amazonas, Pará, Acre e os territórios de Rondônia, Roraima (ex-Rio Branco) e Amapá;
- 2) — REGIÃO NORDESTE, que pode ser subdividida em duas sub-regiões :
 - a) — Nordeste ocidental — estados do Maranhão e Piauí;
 - b) — Nordeste oriental — estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, além do território de Fernando de Noronha;
- 3) — REGIÃO LESTE, subdividida em duas sub-regiões :
 - a) — Leste setentrional — estados de Sergipe e Bahia
 - b) — Leste meridional — estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e da Guanabara (antigo Distrito Federal)
- 4) — REGIÃO SUL, compreendendo os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
- 5) — REGIÃO CENTRO-OESTE, abrangendo os estados de Goiás e Mato-Grosso, além do atual Distrito Federal.

Alguns autores dividem o país de modo diferente, com ligeiras alterações, sendo que esta divisão do Brasil, elaborada pelo professor Aroldo de Azevedo, da Universidade de São Paulo, é a que melhor corresponde à realidade.

A PLANÍCE AMAZÔNICA

A crosta da terra não é uniforme, isto é, igual em todas as latitudes. Os continentes apresentam grandes montanhas e profundas cavernas, abismos, recortados por rios caudalosos e grandes cachoeiras, além de espessa vegetação. Assim, o nosso Brasil não podia, nem pode fugir dos acidentes da crosta terrestre, possuindo planícies, grandes montanhas, rios magestosos, lagos e lagoas.

A planície Amazônica, uma das mais extensas do mundo — tem aproximadamente 1.600.000 km². — sendo estreita do lado do oceano Atlântico e alargando-se para o Ocidente. Seus terrenos, afirmam os geógrafos, são sedimentares (areias, argilas), datando das éras terciária e quaternária.

E isso constitui uma verdadeira calamidade para a compreensão do nosso caboclo, que vê as ilhas desaparecerem, inesperadamente, nos seus rios conhecidos e piscosos.

A proporção que a planície termina, no planalto brasileiro, vão surgindo as primeiras elevações, sendo que, posteriormente, se transformam em grandes chapadões, de origens mais antigas e de terras mais consistentes.

Esta planície imensa é recortada por rios, paranas e igarapés, lagos e lagoas, sendo que, à proporção que vai de encontro ao oceano Atlântico, ela se torna mais baixa, formando um grande terreno alagadiço, inundável.

E, quando o rio Amazonas, que corta a mesma, se lança no oceano Atlântico, já levou de roldão, na sua correnteza imensa, restos de terras caídas, paus e troncos de árvores, numa demonstração evidente de que os rios continuam cavando o seu leito.

Embora se pense que a terra ainda está em formação, já existem enormes faixas perfeitamente definidas e grandes ilhas, — como a de Marajó, na foz do rio Amazonas, — que servem para modificar o pensamento apressado que se tem da região.

POVOAMENTO DA REGIÃO

O povoamento da região amazônica foi efetuado pelos portugueses, depois de assegurada a posse da terra. Claro que muitos fatores serviram para intensificar êsse povoamento, como também o conhecimento progressivo da mesma, até às fronteiras com os países vizinhos.

Em certos aspectos, à moda lusitana, enfrentando ainda outros colonizadores e desbravadores, que também queriam dominar a terra: os franceses e os hespanhois.

Neste aspecto, convém citar o historiador e sociólogo, prof. Arthur Cezar Ferreira Reis:

“A base territorial foi criada. Partindo de Belém, sertanistas, soldados, autoridades civis e religiosas, avançaram em direção norte, em direção oeste e em direção sul. Atingiram, pelo mar, o Oiapoc. Fizeram ali a fronteira com os franceses de Caiena. Subindo pela calha central do Amazonas, Solimões, atingiram o Maronon. A fronteira ali ficou no Javari, quando mais de uma vez ela fôra conduzida ao Napo. No Napo, Pedro Teixeira, em 1639, localizara o nucleo da Franciscana, que serviria de baliza, na hinterlândia, às duas coroas ibéricas. Em outra oportunidade, como em 1732, a posse do Maranón foi repetida, em ato soberano, que expressava o objetivo político da expansão e de ocupação de seus autores que agiam em obediência a instruções emanadas da alta administração por-

tuguêsa. Subindo os rios Negro e Branco, haviam ampliado a fronteira norte, incorporando um vasto mundo, inclusive rica porção de campos que iria agasalhar, já no século XVIII, um plantel ainda hoje viçoso e importante. Pelo Tocantins, pelo Tapajós, pelo Madeira, abrindo comunicação com o Brasil central e as jazidas minerais de Mato Grosso, interligaram a Amazônia com as demais partes do Brasil, libertando-a do caminho único que o mar significava. Balizando aquelas fronteiras com o exterior, uma rede de fortificações, que começava na orla marítima e se nomeou assim: Gurupá, Desterro, Araguari, S. Pedro, Nolasco, S. José do Rio Negro, Nossa Senhora das Neves da Barra, Pauxis, Macapá, bateria de Barcelos, Curiaú, S. Gabriel, Marabitanas, Macapá, Tabatinga, S. José, S. Antônio, S. Joaquim do rio Branco, N. S. de Nazaré de Alcobaça, Periquitos e Bragança. Na expansão sertanista e na expansão militar, os obstáculos naturais foram superados. “(A Amazônia e a Cobiça Internacional, de Arthur Cezar Ferreira Reis, pág. 53).

Mais tarde as secas do nordeste do país, especialmente a de 1877, jogaram na Amazônia levadas e mais levadas de homens esqueléticos e sofridos, procurando outras paisagens e outros destinos porém, sempre dispostos ao trabalho, à luta, ao esforço, desde que lhe aparecessem condições para isso.

E a floresta imensa os recebeu. Os rios também os receberam, com a beleza de sua grandiosidade. Pagarão o tributo de adaptação à terra, como ainda hoje estão pagando. Milhares morreram, pelas febres palustres e pelo beriberi e ficaram nos barrancos, outros nos seringaais, outros nas corredeiras, outros nas margens perdidas de centenas de afluentes do grande rio: — o Amazonas.

Mas dominaram, aos poucos, a terra. E cresceram. Foram modificando a paisagem. Cidades e vilas foram

surgindo. A luta pela extração da borracha foi épica. E foram subindo os rios. Atingiram os desbravadores as cabeceiras. Puzeram e fizeram, nas margens, atividades construtivas e uma população ordeira e trabalhadora dominou, então, a região.

E, então, surgiram os primeiros trabalhadores extrativistas: seringueiros, castanheiros, madeireiros, balateiros e os que se dedicavam à indústria extrativa em geral.

Foram êsses que iniciaram, na verdade, o povoamento intensivo da grande área.

Os nativos foram, também, aos poucos se misturando. As tribus diversas, que primitivamente habitavam a grande planície, concorreram com grande parte para êsse povoamento. E ainda hoje se efetúa. Nos grandes seringais e em terras banhadas pelos rios Tapajós, Madeira, Tocantins, Juruá e Purús.

Os portugueses iniciaram o povoamento, mandando suas expedições, os nordestinos a completaram, lutando, trabalhando, vivendo e crescendo, na Amazônia.

ESTADO DO AMAZONAS

Extensão territorial e seus limites

A superfície do estado do Amazonas é de 1.558.987 Km².

Dêles foram tirados dois territórios. O de Roraima (ex-Rio Branco) e Rondônia.

Situado no extremo norte do país, é o maior estado do Brasil, em extensão territorial. Seus limites atuais são os seguintes:

Ao NORTE — O Território do Roraima (ex-Rio Branco) e as repúblicas de Venezuela e Colômbia.

a OESTE — As Repúblicas de Colômbia e Peru.

ao SUL — Os territórios do Acre e Rondônia e o Estado de Mato Grosso.

a LESTE — O estado do Pará.

POPULAÇÃO

A sua população é, aproximadamente, de 843.821 habitantes, segundo o último recenseamento.

A CAPITAL DO AMAZONAS

MANAUS, a capital do estado do Amazonas, rica situada na margem esquerda do rio Negro. Edificada em terreno alto, porém recortado de igarapés, onde alguns foram aterrados, a cidade possui aspecto moderno, com bonitas avenidas, praças e ruas. Ligada a alguns subúrbios por arquitetônicas pontes de ferro, apresenta ainda magestosos edifícios, como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, o Palácio Rio Negro, e Rio Branco e lindos prédios residenciais. No Palácio Rio Negro, situado na avenida 7 de setembro, funciona a sede do Governo

do Amazonas, sendo que, muitas vêzes, o próprio Governador despacha em outros locais, como no Palácio Rodoviário, que embeleza o populoso bairro da Cachoeirinha. Durante anos a cidade teve o seu progresso entravado pela deficiência de energia elétrica, sendo que, no ano de 1962, foi inaugurada moderna usina de luz, pela Companhia de Eletricidade de Manaus, que lhe vem assegurando novo progresso e desenvolvimento.

As avenidas são bem traçadas e as ruas limpas, onde vistosos edificios fazem, de Manaus, uma cidade acolhedora, bonita e atraente. Embora situada a centenas de milhas do mar, em plena floresta tropical, a cidade possui serviços de onibus, bons hotéis, restaurantes, serviço de água e luz, telefones e, atualmente, é servida por inúmeras companhias de aviação.

A população da Capital é, aproximadamente, de mais de 200.000 habitantes. As colônias estrangeiras são pequenas, predominando a portuguesa, a siria e a italiana. Atualmente já se estabeleceram algumas famílias japonesas, que estão trabalhando na agricultura, procurando assim dar maior desenvolvimento ao cultivo das terras, nos arredores da cidade.

O PORTO DE MANAUS

O porto que serve à Capital é o mais original do país.

E' formado por uma longa plataforma, que constitui um verdadeiro cais flutuante, oscilando vertical-

mente de 12 a 15 metros. Acompanha, assim, o nível das águas. Se o rio sobe, o cais acompanha. Quando o rio desce, desce também.

As docas flutuantes são formadas por uma larga plataforma repousando sobre cilindros de ferro, avançados na amurada do cais, 200 metros.

Tem dois grandes flutuadores. Um destinado aos navios de grande cabotagem e outro para os de navegação transoceanica. Flutuadores menores servem de ancoradouro para os "gaiolas" "vaticanos" e pequenas embarcações.

O "roadway" com 250 metros de comprimento liga-se ao porto por uma ponte flutuante de cerca de 180 metros, por onde transitam os passageiros.

Carrinhos puxados por cabos de aço e alguns suspensos, por torres metálicas assentadas nos flutuadores e em terra, servem para fazer o serviço de carga e descarga de mercadorias.

ESBOÇO HISTÓRICO

A cidade de Manaus tem suas raízes na fundação da fortaleza de S. José do Rio Negro, por iniciativa de Francisco da Mota Falcão. Isto no tempo do Império. Feita a Independência do país, foi, mais tarde, em 1846, a vila de São José da Barra elevada à categoria de cidade. Instalada, posteriormente, a província do Amazonas e investido no cargo de seu primeiro Presidente, J. B. Tenreiro Aranha, a capital da mesma foi mudada para MANAUS, em 1856.

O RIO AMAZONAS

Existem muitas lendas e histórias fantásticas a respeito do rio Amazonas. Carecem, no entanto, de fundamento. E' um rio como outro qualquer, de águas barrentas, imenso, o maior do mundo em volume d'água.

Nasce nos Andes peruanos, a 4.000 m. de altitude. Tem aí o nome de Maranhão — maronon — corre para o N. e, em seguida, para SO-NE, toma o nome de Solimões ao penetrar no Brasil, no ponto em que recebe o rio Javari.

Alguns autores consideram como sendo a origem verdadeira do Amazonas o rio Ucaiáli, de fontes mais remotas. As expedições anglo-americana dos Andes-Amazonas, patrocinada pela UNESCO, afirmam que a verdadeira fonte do Maranhão-Amazonas seria o lago Ninococha, formado por dissolução de gelo, de massas glaciares.

O rio, incluindo-se o Solimões e o Maranhão, é de 5.904 km. No estuário se verifica o fenômeno das pororocas, lançando 80.000 m³. de água, por segundo, no oceano Atlântico.

O declive é suave. A profundidade varia, tendo em algumas partes, 75 metros. A largura, também. Chega até a 13.000 m.

O rio Amazonas tem águas barrentas em contraste com alguns de seus afluentes, que as possuem escura, preta, azulada.

Nas enchentes é comum vêr-se, descendo a correnteza do grande rio, paus, matupás e detritos de paisagem, arrancados pela fôrça das águas. Árvores caídas, troncos imensos são levados pela correnteza para a sua foz, no oceano Atlântico.

As populações ribeirinhas, acostumadas às enchentes do rio, constroem suas casas sobre estacas, verdadeiras palafitas, pernaltas, enfrentando assim o crescimento das águas.

O caboclo, acostumado à paisagem deslumbrante, não tem explosões de entusiasmos, nem de admiração. Sente-a, apenas, na sua amplitude. E o grande rio, indiferente à admiração humana, prossegue a sua fôrça, arrastando para o oceano milhões de litros d'água, como a alimentá-lo com seu potencial indizível.

PRINCIPAIS CIDADES

As principais cidades do estado do Amazonas estão localizadas às margens dos rios. Nos respectivos municípios suas populações vivem da indústria extrativa, da caça e da pesca.

Destacamos as seguintes: Itacoatiara — Parintins — Maués — Coari — Manacapuru — Tefé — Eirunepé — Autazes — Barreirinha — Barcelos — Boca do Acre — Borba — Carauari — Benjamin Constant — Fonte Boa e outras.

CLIMA

A região amazônica é coberta por espessas florestas e cortada pelo Equador. Grande parte da área amazônica é inundada.

O clima, portanto, é quente e muito úmido. A temperatura é permanentemente elevada. Ultrapassa, não

raramente, 34° à sombra. Às vezes, na fôrça do verão, chega até 36,8, à sombra, em Manaus, capital do Estado.

No inverno, nas noites chuvosas, a temperatura baixa e chega a 18 gráus centigrados. Os ventos dominantes de leste e de nordeste penetram livremente em todo o vale amazônico. Não obstante, a população vai se adaptando aos rigôres do clima, crescendo, dominando o meio físico.

PRINCIPAIS RIOS DO AMAZONAS

Os afluentes do rio Amazonas são inúmeros. Se contarmos os paranás, igarapés, o número cresce, assustadoramente, das nascentes à embocadura. A rêde hidrográfica que cobre o estado é grande. No interêsse de darmos uma noção exata dos afluentes do grande rio, fomos buscar elementos na Corografia do Amazonas do ilustre prof. Agnelo Bittencourt, que traçou, magistralmente, o roteiro dos rios. A descrição de cada um seria enfadonho, mesmo a finalidade dêste trabalho, é o de mostrar os principais acidentes geográficos, espalhados em toda a vastidão de seu território.

Na margem direita, temos os seguintes afluentes:

JAVARY — Nasce êste rio com o nome de Jaquirana e, depois de longo curso, tem na sua foz cêrca de 200 metros de largura. O seu curso todo pode ser avaliado em 800 e poucas milhas. Os afluentes do Javary, pela margem direita, são: Itecuahy e o Curuçá; pela esquerda, já na República do Peru, Javarymirin e o Galvez.

O rio Javary banha o município de Benjamin Constant e serve de meio de comunicação, para embarcações de certo calado, com a República do Peru.

JANDIATUBA — O curso dêsse rio é avaliado entre 300 e 350 quilômetros. Passa pelo município de S. Paulo de Olivença e suas margens são bastante alagadiças. Não obstante, existem nas margens do rio seringais e êle favorece o movimento de embarcações para os mesmos e localidades vizinhas.

JUTAHY — Nasce ao norte de terras banhadas pelo rio Ipixuna, afluente do Juruá. Suas águas são barrentas e suas margens pouco habitadas. Possui, nelas, seringais nativos, castanhais e salsa. No seu curso, tem passagens estreitas. Ainda possui indígenas habitando suas margens, daí o pouco rendimento de suas riquezas naturais, impossibilitados que se acham os desbravadores de atingir as cabeceiras.

JURUÁ — É um dos mais importantes e caudalosos afluentes do Solimões. Nasce no serro das Mercês, numa altitude de 453 metros acima do nível do mar. Costumam dividir o rio Juruá, quanto à navegabilidade, em baixo, médio e alto. Desempenha papel importante no interior do Estado, pois os inúmeros tributários que possui e suas riquezas, o fazem de intensa navegação, durante o ano. Os principais afluentes do Juruá são : Eiru, Gregório, da Liberdade, Paraná do Arrependido, Tejo. Nas margens do rio existem cidades e é considerado um dos mais importantes afluentes do rio Amazonas.

TEFÉ — Nasce êste rio em terras altas, entre os rios Tapauá e o Juruá. Corre na direção de N.E. e recebe, no seu curso, inúmeros igarapés e água dos lagos. Possui, nas suas margens, seringais nativos, castanhais e muitas madeiras de lei. São tributários do Tefé, pela direita, os igarapés : Coró, Surubim, Itanga, Ingá e Abio.

Pela esquerda : Socó, Maravilha, Arabauá, Teany e Curumita.

CATAUÁ — Corre no município de Tefé. Suas margens são inundáveis e constitui um rio propriamente de baixada. Antes de alcançar o Solimões, atravessa o lago de igual nome e divide-se em dois braços. A população é escassa.

COARY — O rio Coary é de intenso tráfego. A navegação nele é franca, em determinadas épocas do ano, nas enchentes. Em outras ocasiões somente se viaja por meio de pequenas embarcações, motores de pôpa e canoas.

PURUS — O rio nasce com o nome de Pucani, nas serranias que separam dêle a bacia do Ucayale. É um rio muito importante, na região amazônica e, de modo especial, no Estado. Suas águas são barrentas, quase iguais às do Solimões, variando a cor de conformidade com a época do ano, de enchente e vazante. Nas margens do rio existem seringais nativos, castanhais, madeiras de lei, sôrva e abundante caça. No alto Purus o regime de águas é muito irregular. Formam às vezes grandes enxurradas. O rio Purus tem inúmeros afluentes : Cavaljani, Huaventel, rio dos Paros, Manuel Urbano ou Alto Chamboyaco, Santa Cruz e S. João.

Pela margem esquerda, Corinja, Maniche, Arraia, Malpaja, Santa Rosa e Curanja.

MADEIRA — É o mais notável afluente do rio Amazonas. Seu curso é de 3.240 km. francamente navegável, na extensão de 1241 km. desde a foz até a cachoeira de Santo Antônio, já na divisa do Estado de Mato-Grosso. É formado pela união do Mamoré e do Beni ou alto Madeira. Outros geógrafos acham que se forma pela união do Mamoré e o Guaporé. Em suas margens existem madeiras de lei, castanhais, seringais e pau-rosa, sendo de intenso

tráfego, em determinados trechos, em todas as fases do ano. Tem águas barrentas e carrega, na corredeira, paus, restos de árvores, terras caídas, balsêdos, matupás, principalmente na enchente, o que provoca muito cuidado à navegação fluvial. São afluentes do rio Madeira : Jacy Paraná, Abunã, Jamary, Gy-Paraná, Manicoré, Aripuanã, Canumã, Abacaxis e o Andirá.

NA MARGEM ESQUERDA, temos os afluentes seguintes :

IÇÁ — Nasce nos contrafortes andinos da Colômbia. Tem uma extensão de 1452 km. É o caminho aberto às relações comerciais com a República da Colômbia. Em suas margens existem grandes seringais nativos, castanhais, sôrva, madeiras de lei e abundante caça. Em determinados trechos a população é escassa, sendo, portanto, um rio que exige penetração e constante exploração, principalmente de matérias primas. Os afluentes dêsse rio se acham em território Colombiano. São os seguintes : Ingaparaná e o Carapanã, Jaguas e Caucaia, que se estende até à bacia do Japurá, S. Miguel.

JAPURÁ — Também denominado Caquetá. Como o Içá tem sua origem nos Andes Colombiano. Seu curso atinge 1848 km. Liga-se ao rio Solimões, por vários braços, que lhe conduzem as águas barrentas do grande rio.

NEGRO — Nasce nas regiões do Papayan, na Colômbia. O curso do rio é de 1551 km., francamente navegável até certo trecho, na antiga S. Izabel. A corrente das águas é, em determinados trechos, de uma milha por hora, nos lugares largos e, nos estreitos, de duas milhas. O rio tem o nome de sua côr, escura. Quando em pequena quantidade em recipiente cristalino, a côr d'água se torna amarelada. É um rio muito importante e que possui inúmeros afluentes. Esse rio se destaca, não sòmente pela côr de suas águas, escuras, como também,

porque nas suas margens se encontra a Capital do Estado. Entre os seus afluentes destaca-se o rio Branco, aliás é o mais rico de todos. Suas paisagens são notáveis. São afluentes do rio Negro : Tomo, Xié, Uapés, Içana, Dmity, Cueiras, Amanauí e Tarumã-Grande.

No alto rio Branco se encontram campos naturais e há criação de gado vacum.

A bacia do rio Branco mede, aproximadamente, 35.000 ms. Dos afluentes do rio Negro êste merece destacada importância. As margens são bonitas, sendo que banha o território de Roraima e possui inúmeras riquezas, efetuando-se em alguns de seus tributários, mineração. Na região riobranquense os campos naturais são comuns, o que favorece a criação, naquelas paragens.

NHAMUNDÁ — É um rio de certa importância. Tem sua origem em terras altas, que se estendem entre as cabeceiras do Uatumã e as do Trombetas. Em determinados trechos suas águas são de azul profundo, correndo entre montes e tendo nas margens espessa vegetação. Hoje possui em terras banhadas pelo rio campos para criação de gado, além de suas matas serem ricas em madeiras de lei, castanha, pau-rosa e piassaba.

ORIGEM DOS RIOS

Os geógrafos afirmam que os rios podem ter suas origens de fontes, do derretimento das neves de montanhas altas, assim como de certos lagos, que, sangrando, isto é, dando vasão a suas águas, fazem surgir os rios. E citam, como exemplo, o rio Mississipi, nos Estados Uni-

dos e o Nilo; na Africa, do lago Vitória. Podem ter origem ainda em chuvas fortes e abundantes. A princípio surgem simples filetes d'água, que aos poucos vão engrossando e se tornam, mais tarde, em rios caudalosos e de grandes cursos.

As fontes, que muitas vêzes dão origem aos rios, podem ser : constantes, perenes ou permanentes. Ainda, intermitentes ou temporárias.

Nascente — é o lugar de onde se iniciam as águas do rio. O lugarzinho, o ponto de onde as águas começam a correr.

Confluência — é o ponto onde as águas de dois rios se encontram e se confundem.

Foz — é o lugar no qual o rio desemboca, isto é, o lugar onde êle lança suas águas, seja no mar, no oceano ou num simples lago.

Leito — é o sulco por onde as águas correm.

Os rios ainda podem ser : de montanha, de planalto e de planície.

O rio Amazonas, que banha o Estado, é um rio de planície. Calmo, em alguns lugares, mas sempre cavando o leito e procurando rumo definitivo, arrastando balsêdos, até desaguar no oceano Atlântico.

RIOS E LAGOS

Dissemos antes os principais rios do Amazonas e seus afluentes. Os rios de planalto, de modo geral, são encachoeirados, com corredeiras, saltos ou cachoeiras.

Os rios de planície, no entanto, são lentos, sinuosos, sem quedas, d'água. Assim o rio Amazonas e seus afluentes, em maioria, são considerados rios de planície, facilitando a navegação e fornecendo possibilidades de comunicações entre os diversos municípios.

As chuvas têm grande influência na formação dos rios, estabelecendo a enchente e a vazante. Também nos lagos.

FENÔMENOS DA AMAZÔNIA

Na região amazônica ocorrem fenômenos interessantes. Os rios, alguns, ainda procuram cavar definitivamente o seu leito. Dêsse modo, correm sem rumos certos, modificados pela maior ou menor quantidade de chuvas em certas áreas.

Temos assim :

Terras caídas — blocos enormes de terra, às vezes cobertas de vegetação, que se despreendem das margens do rio, no solapamento oriundo das águas fluviais e das chuvas.

Pororoca — Quando o rio é caudaloso e encontra as águas do oceano em que penetra, provoca a pororoca. Ocorre com frequência, provocando um enorme estrondo, principalmente no baixo Amazonas.

Furos — são cursos d'água que ligam rios entre si ou rios e lagos.

Paraná-mirins — são pequenos braços de rio que cercam ilhas fluviais.

Igarapés — A região amazônica é banhada por um labirinto de rios. Os pequenos rios que avançam para o interior da selva, calmos, tranquilos, enfeitados pela folhagem, são chamados igarapés. São tantos, na paisagem amazônica, que dificilmente se poderia contá-los.

Friagem — No mês de junho ou julho, na região amazônica, durante quatro ou cinco dias, ocorre o fenómeno da friagem. É em decorrência dos ventos frescos que sopram de SSO. A temperatura, nesses dias, acusa 18° graus, modificando sensivelmente o meio ambiente, de modo particular, as regiões banhadas pelos afluentes do rio Solimões.

L A G O S

Nos meses de inverno, quando as águas dos rios crescem e se intensificam as chuvas, que modificam a paisagem, na grande planície, todas as baixadas se transformam em imensos lençóis aquosos. E surgem inúmeros lagos, que destacámos aqui :

Lagos tributários do rio Amazonas : — Macurany, Paurá, Urucurituba, Urucará, Arrozal, Piranhas, Arary, Autaz, Rei, Janauacá, Manaquiry, Paratary, Jauará, Uricury.

Lagos tributários do rio Madeira : — Sampaio, Anamã, Guariba, Taboca, Macados, Jacaré, Tres Casas, Pupunha, Mururé, Tucunaré, Curicáca, Arary, Matapy, Capanã, Baestas, Jurará, Capitary e Tamandua, Carapatuba.

Lagos tributários do rio Purús : — Berury, Surára,

Jary, Macados, Mamanduá, Canaçarú, Meteripuá, Aya-
puá, Panelão, Assahy, Araçá, Itapá, Mapiá, Japá, Inary,
Acariá.

Além dêsses existem centenas de outros, espalhados
em todo o estado, numa prova evidente de que a região
é retalhada por rios, paranás, igarapés e lagos, os quais
amenizam os rigôres do clima, nos meses de verão ama-
zônico.

FLORA — O estado integra a amazônia brasileira.
Assim, na região, temos a maior reserva florestal do
mundo. Todos os naturalistas são unânimes em fazer
tal afirmativa. Existem palmeiras, madeiras de lei, ma-
deiras para construção civil e marcenaria. Nas destina-
das à construção — acapu, abacaterana, aritu, aroeira,
acapurana, andirobeira, cedro branco, cedro vermelho,
itauba, louro, maçaranduba, marupauba, pau d'arco,
pau mulato, pau ferro. Para outros trabalhos: a pira-
nheira, itaúba preta, piquiá, cumaru, saboarana, jaca-
randá, páu marfim e pau-rosa.

Plantas gomíferas — A seringueira, em diversos ti-
pos, a sôrva, sucuba, maçaranduba, amapá, muiratinin-
ga.

Plantas oleaginosas — Ucuúba, cumaru, patauá,
copahyba, andiroba.

Entre as palmeiras, convém destacar: assahy, ba-
caba, bussu, coqueiro, inajá, patauá, paxiuba, tucum,
etc.

FAUNA — Se a flôra apresenta variedades imensas,
a fauna existente no Amazonas é simplesmente fabulo-
sa. Aves de bela plumagem e algumas de canto mavioso
existem na região.

Mamíferos — Onças, maracajás, macacos, veados, coandu, coaty-puru, caitetus, antas, tamanduás, etc.

Aves — Maguary, papagaios, gaviões, araras, rouxinóis, tucanos, mutuns, periquitos, anus, marrecas, patos, maçaricos, arirambas, colibris, aracuás, jurutís, etc.

Reptis — Jacarés, camaleões, surucucus, sucurijus, etc.

Peixes — Acari, aracus, jaraquís, tucunarés, oiranas, surubins, pacus, pirarucus, jundiá, jatuaranas, matrinchãs, peixe-cachorro, puraqués, pirapitinga, tambaquís, trairas, matupirís, etc.

Existem variedades inúmeras de peixes, os mais saborosos, que enriquecem os ribeirinhos, na época da pesca, principalmente o pirarucu, de grande porte e que se destina, principalmente, à exportação.

MINERAIS — Apesar de possuir riquezas minerais, a exploração ainda se encontra em fase embrionária, no Estado. Pelos indícios encontrados, há possibilidades de ferro, mica, ouro, diamantes, casseterita, sal gema.

Essas possibilidades, no entanto, se reservam as terras altas, pois, na planície, constituída de sedimentos, não há perspectivas.

OROGRAFIA

O Amazonas possui poucas montanhas. Com o desmembramento de seu território, para a criação do de

Roraima (ex-Rio Branco), o número de serras e montanhas diminuiu, pois as mais importantes ficaram naquela região, fronteira com a Guiana Inglesa.

No alto rio Negro existem as de Hecupanapano e Molepity e ainda, Tocanos e Sucurá-urá. Na região do Japurá — Cupati e Apoporis. No Nhamundá — Cupiranga, Castanha, Azul e Taciú.

NESOGRAFIA

O labirinto imenso de rios, na planície amazônica, forma uma quantidade enorme de ilhas. Algumas permanentes, isto é, separadas das margens dos rios pelos igarapés, possuem vegetação abundante. Outras são instáveis, isto é, duram alguns anos e depois, numa grande enchente do rio, desaparecem, para surgirem mais abaixo. Assim temos: Cotias, Ciganas, Grande de Serpa, Tupinambarana, Trindade, Autaz, Amatary, Cururu, Eva, Terra Nova, Xiburena, Curari, Muras, Paciência, jucurutu, Caldeirão, Conceição, Marreção, Paratary, Piriquitos, Codajás, Onças, Flexal, Jacaré, Coati, Palheta, Bararoá, S. Sebastião, Fosário, Aararas, Uruá, Miriti, Marcelos, Pagé, Punçã, Guaribas, Piraiba, Ananaz, Elba, Marapatá, Papagaio, Queimada, Janauari, Conceição, Cotia, Guaribas, etc.

HABITAÇÃO E ALIMENTAÇÃO

Habitação — No interior do Estado, afastado das cidades, vive o caboclo, dominando o meio físico, trabalhando e lutando pela sobrevivência. As casas por ele

construídas são pernaltas, isto é, feitas sôbre estacas de madeira, cobertas de palha, próprias para enfrentar as alagações e as intempéries.

São moradias provisórias, pois dedicando-se à indústria extrativa e à pesca, às vêzes passam dias e dias fora de casa. Construídas às margens dos rios e igarapés, assoalhadas de paxiúba, essas moradias resistem galhardamente às enchentes dos rios. Nas cidades, porém, as moradias já são feitas de alvenaria e de madeira, cobertas de telhas de barro ou zinco e mais resistentes e dotadas de todo conforto moderno.

Alimentação — A alimentação tem grande influência nos seres humanos e estudos a respeito, modernos, já são feitos hoje em dia. O ilustre professor Josué de Castro dividiu o país em cinco zonas de alimentação ou alimentares.

A região Norte integra os estados do Amazonas, Pará, Acre, Maranhão e os territórios de Rondônia, Roraima e Amapá.

Vivendo da indústria extrativa, a alimentação é obtida, em grande parte, dos rios e das florestas. Os rios proporcionam enorme variedade de peixes, ressaltando-se o pirarucu, o peixe-boi e o tambaqui.

Existem, ainda, os quelônios, — tartarugas, tracajás, iacás — que fornecem carne saborosa e ovos. A mandioca é cultivada e algumas frutas. Entra também, na alimentação, a castanha e o guaraná.

Nas cidades e na capital, onde a navegação fluvial proporciona grande intercâmbio comercial, importa o Estado do Amazonas, leite em pó, conservas, frutas européias, batatas e óleos comestíveis.

A alimentação, porém, do homem que vive e trabalha no interior, é baseada em peixe, farinha de mandioca e caça. Não obstante, vai sendo enriquecida de vitaminas, à proporção que aprende hábitos alimentares mais consentâneos com o progresso e a realidade brasileira.

VEGETAÇÃO

A vegetação, na região, é exuberante. Árvores enormes, enfeitadas de cipós, trepadeiras, cobrem grande área, no Amazonas. Nas terras firmes a mata é quase impenetrável, dificultando a ação do homem em seus trabalhos extrativistas. Os geógrafos classificam a floresta amazônica assim: a mata dos igapós, periodicamente inundada, entremeada de árvores de grande porte; a mata das várzeas, situada em terrenos baixos e a mata de terra firme ou caetés, com árvores que atingem de 80 a 50 metros de altura.

Destaca-se, na mata, o castanheiro, de grande porte e cujos frutos constituem uma das riquezas regionais. Ainda sobressaem a seringueira e o caucho, de frondes grandes e bonitas.

LÍNGUA

A língua falada e oficial é a portuguesa. As influências do meio, no entanto, fizeram vários vocábulos indígenas serem usados, principalmente no interior do Estado.

RELIGIÃO

No Amazonas, como em todo o país, a religião predominante é a da Igreja Católica Apostólica Romana. No entanto, em face da liberdade de culto, estabelecida na Constituição Federal, existem outras religiões.

NAVEGAÇÃO

A grande bacia hidrográfica, que favorece o Estado, possibilita a navegação fluvial em todos os seus rios. Desde os desbravadores, no tempo da colonização, já se processava, por intermédio de pequenas embarcações, a remo e à vela, pois continua a região a possuir, na linguagem de hoje, “as estradas que andam” — os rios.

Na realidade, a penetração na imensa área foi favorecida pelos rios navegáveis, grande rios que a banham, indo até às cabeceiras dos grandes cursos d'água e aos limites dos países, vizinhos do Estado.

Sabemos nós que, em determinadas épocas do ano, a navegação até às cabeceiras de alguns rios fica impedida, mas temos os cursos do Solimões, do rio Negro e de outros, que possibilitam as embarcações de grande calado, fazendo com que possam chegar ao porto de Manaus, navios do Lóide Brasileiro, da Booth Line, da Companhia de Navegação Costeira e de outras emprêsas particulares, que efetuam o serviço de transporte de mercadorias das praças do sul do país e do estrangeiro, com o florescente comércio amazonense.

O movimento maior, no Estado, é feito pelo porto da cidade de Manaus, sendo que, são francamente acessíveis, os das cidades de Itacoatiara, Parintins e Maués.

Pelos portos das cidades localizadas no interior e o da Capital, o comércio efetua suas transações mercantis e, em geral, importa artigos manufaturados e exporta matéria prima, a começar pela borracha até fibras e essência de pau-rosa.

A navegação fluvial, portanto, constitui um dos meios de comunicação mais importante do grande Estado.

E, diante da imensidão da área que integra o estado do Amazonas e a quantidade de rios, paranás e igarapés, o intercâmbio comercial e o desbravamento das glebas do interior, se efetua ainda por intermédio do transporte fluvial, que constitui o fundamental e essencial às atividades do homem, que habita e vive na planície.

EXTRATIVISMO

Não obstante os esforços que se fazem, atualmente, no Estado, a procura de outros caminhos, o Amazonas ainda vive da indústria extrativa. Colhem-se e trabalham na floresta, a procura de produtos, grandes partes de sua população. Dela extraem as essências e, da seringueira, a borracha, tão preciosa nos artefatos. Do castanheiro, colhem a castanha e, de outras árvores, o amazonense procura tirar o maior proveito.

A par disso já se ensaia, com reais benefícios, para a região, uma cultura racional de Juta, pois as terras alagadiças são apropriadas e benéficas. Dêsse modo, a exportação amazonense já tem, na juta, uma fonte de rendimentos e a cultura da fibra se estende por todo o baixo Amazonas e outras regiões, onde a navegação é franca e a semente de juta se adaptou.

A atividade permanente ,no setor econômico, ainda é o extrativismo.

MUNICÍPIOS

O estado do Amazonas é grande. Sua área enorme. Possui 1.558.987 k2. divididos em municípios, alguns dos quais maiores que muitos países da Europa. Assim, temos os seguintes:

Zona do Médio Amazonas — Autazes, Barreirinha, Careiro, Itacoatiara, Itapiranga, Maués, Nhamundá, Parintins, Silves, Urucará, Urucurituba.

Zona do Rio Negro — Airão, Barcelos, Ilha Grande, Manaus, Uaupés.

Zona do Solimões — Anori, Coari, Codajás, Japurá, Manacapuru, Marañ, Tefé.

Zona do Rio Purús — Boca do Acre, Canutama, Lábrea, Pauini, Tapauá.

Zona do Rio Juruá — Carauari, Eirunepé, Envira, Ipixuna, Juruá.

Zona do Solimões-Javari — Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutai, Santo Antônio do Içá e S. Paulo de Olivença.

Zona do Rio Madeira — Borba, Humaitá, Manicoré, Nova Olinda do Norte e Novo Aripuanã.

Esta divisão territorial está baseada em dados fornecidos pelo VII Recenseamento do país.

PRODUÇÃO

A produção do Amazonas é em decorrência da in-

dústria extrativa. As terras apropriadas a outras culturas ainda não foram devidamente aproveitadas. O estado não produz somente borracha, castanha, guaraná, sôrva e balata. A proporção que a indústria nacional se expande e a exportação exige, novos produtos vão entrando no mercado e temos: cobaíba, cumaru, pia-pava, jarina, ipecacuanha, timbó, couros e peles de animais silvestres.

De alguns anos a esta parte, em face do mercado interno, já se cultiva, no Estado com apreciáveis resultados, a Juta.

Existem, também, feitas por japoneses e brasileiros, grandes plantações de pimenta do reino e arroz. O cultivo da pimenta do reino, feita pelos nipônicos, vem obtendo ótimos resultados, havendo anualmente exportação e aumentando-se a área de plantações.

EXPORTAÇÃO

A exportação dos produtos regionais é feita pelo porto de Manaus e das cidades localizadas no baixo Amazonas. Convém ressaltar que a maioria de nossas matérias primas se destina às praças do sul do país, especialmente, S. Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Há, no entanto, grandes áreas a serem desbravadas no Amazonas. A densidade de população é exigua. O meio físico absorve o esforço do homem, faltando-lhe ainda recursos financeiros e máquinas para vencer a natureza e procurar agir de modo mais consentâneo com a realidade ambiente.

Convém, assim, frisar o que disse Cosme Ferreira Filho, em seu livro "Amazônia em novas dimensões", pag. 205 "nenhuma região do país pode, mais rápida-

mente, converter-se em centro produtor de mercadorias para exportar, desde que utilizados racionalmente seus recursos naturais e mobilizada sua potencialidade produtiva, em consonância com as necessidades dos mercados mundiais”.

A mobilização desses recursos é fundamental, pois somente assim a região terá capacidade para desenvolver-se e dar ao estado e ao Brasil, divisas e outras oportunidades financeiras.

FINALIDADES

Tivemos, neste modesto trabalho, a preocupação de mostrar o meio físico, a fim de que, no futuro, esta região seja integrada na realidade nacional e devidamente explorada em suas riquezas naturais.

O Estado do Amazonas é muito grande. Suas possibilidades e recursos naturais enormes. O esforço deve ser do governo central e estadual, conjuntamente. Entrosamento de repartições e serviços. Aberturas de estradas e uma política municipalista que transfira aos municípios responsabilidades e deveres. E que os recursos obtidos com a exportação de produtos regionais voltem aos municípios de origem, a fim de que, transformados em hospitais, medicamentos, lanchas, hotéis, usinas elétricas, campos experimentais, máquinas agrícolas, ajudem o homem a dominar o meio físico e não como acontece, atualmente, ser escravo dele.

Cada palavra que se disser em sua defesa é um bem. Cada área que fôr explorada uma riqueza. Não em proveito do Estado, mas, essencialmente, do BRASIL.

Endereço para correspondência e pedido: —
rua Leonardo Malcher, n.º 656
Manaus — Amazonas

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**